

Almeida Faria

A Reviravolta



CAMINHO de Abril

A Reviravolta

Almeida Faria

A Reviravolta

CAMINHO de Abril

A REVIRAVOLTA

Autor: Almeida Faria

Design gráfico e ilustração
da capa: José Serrão

© Editorial Caminho, SA,
Lisboa — 1999

Impressão e acabamento: Tipografia
Lousanense, L.^{da}

Data de impressão: Março de 1999

Depósito legal n.º 134 009/99

ISBN 972-21-1246-5

www.editorial-caminho.pt

MODO DE EMPREGO

As personagens desta peça são familiares aos meus leitores. Se me falassem de um autor que, depois de quatro romances centrados nas mesmas personagens, a elas regressasse para pô-las a agir e falar sobre um palco, talvez torcesse o nariz e pensasse que já era de mais. Eu próprio, enquanto cúmplice guardador destas figuras, fechei-as durante anos à chave no sótão do passado e, julgando que as esquecera, andei por outras paragens. Mas a minha ilusão de esquecê-las era ingênua; porque, na sua persistência, elas é que não se esqueceram de mim. Inconformadas com o limbo a que se viram remetidas, nunca pararam de suspirar, de murmurar, de ciciar, de sussurrar-me os seus anseios

DRAMATIS PERSONÆ

MOISÉS, viúvo, caseiro da casa onde se situa a acção

PIECADE, cozinheira com algumas letras

MARINA, ~~viúva~~, patroa dos anteriores

ANDRÉ, primogénito de Marina

DOIS COROS gravados, vozes masculinas e femininas

(Alentejo, Setembro de 1974)

Cena I

PIEDADE E MOISÉS

(O palco, invadido desde o lado esquerdo pela violenta luz dos verões do Sul, deve dividir-se em duas metades desiguais: a esquerda, muito maior, representa de forma simplificada uma cocheira com arreios, cabeçadas de freio, rédeas enroladas, selas de arção, estribos ou outros aparelhos de equitação e, havendo espaço, uma carroça de varais virados para o ar; a direita, separada ou não por um telão e suficientemente contrastada, representa a apertada sala de uma casa da burguesia rural. Panos com palavras de ordem da Revolução dos Cravos pendem da teia do palco ou do tecto da sala, das paredes, das portas, de partes eventualmente desafectadas do edifício, de camarotes e galerias caso existam. A fachada, as bilheteiras, a en-

trada, as escadas, o bar, o foyer ou salão nobre poderiam ter também cartazes reproduzindo figuras e slogans desse período: «O POVO É QUEM MAIS ORDENA», «A TERRA A QUEM A TRABALHA», «AGORA, O POVO UNIDO NUNCA MAIS SERÁ VENCIDO»)

PIEIDADE (*de avental de cozinha sobre o vestido escuro da farda de criada*)

Moisés, Moisés, quando é que desces?
Nunca se sabe onde tu páras!

(*Silêncio seguido dos passos pesados descendo devagar, da esquerda alta, velhos degraus de madeira, até que Moisés aparece, lento de falas e de andar, de aspecto rude e grave, camisa desbotada mas muito abotoada apesar do calor, calças informes, botas grossas*)

MOISÉS

Aqui me tens, Piedadezinha,
o que é que me querias?

PIEIDADE

Como a senhora me disse que tinhas ido à rua,
queria perguntar-te que novidades há.

MOISÉS

Novidades? É o que não falta.
Se as searas medrassem
como as novidades e os boatos,
a seca deste verão que não acaba
não punha tanta gente a protestar.

PIEIDADE

Protestar nunca é de mais,
que os ricos são duros de ouvido.

MOISÉS

Há ricos e ricos, como há pobres e pobres,
e nós, a gente, tu e eu, somos dos pobres
entre os pobres,
dos que mordemos o pão da pobreza,
dos que bebemos o fel da tristeza,
dos que desde pequenos
soubemos o que era sofrer
mas não andamos agora lá fora de punho no ar.

PIEIDADE (*revoltada*)

Devíamos andar.

MOISÉS

Não adiantava.

PIE DADE (*firme, ríspida*)

Quem sabe?

MOISÉS

Não acredito.

PIE DADE (*impaciente*)

É o teu mal, não acreditares.

Mas não fiques com cara
de quem tem a corda na garganta
e a força por cima da cabeça
e a morte diante da porta
à espera que o dia anoiteça.

MOISÉS

Tu e os teus ruins pensamentos.

PIE DADE (*irritada*)

Ruins ou não, são meus.

MOISÉS

Os sentimentos também mentem.

PIEADADE (*mais irritada*)

Os meus não, até ver, e hoje em dia
só acredito no que sinto.

Nem adianta tentares
convencer-me do contrário.

MOISÉS

Calma, Piedade, eu só queria ajudar-te.

PIEADADE

Agradeço, mas é escusado, não me convertes.

MOISÉS

Olha, Piedade, tu sabes que sou *alfabeto*...

PIEADADE

Analfabeto, queres tu dizer.

MOISÉS

Analfabeto, é isso, mas aprendi
que a gente pouco decide.

PIE DADE

Alguma coisa decidimos.
Nem tudo são uns cordelinhos
que, desde nascermos até morrermos,
alguém puxa lá de cima.

MOISÉS

Cordelinhos... cordelinhos...
Não são nenhuns cordelinhos,
é Deus, é o destino.

PIE DADE

Então esse teu Deus,
esse tal destino,
devem divertir-se à brava
à custa da malta.

MOISÉS

As coisas que tu dizes,
e Deus não te castiga!

PIE DADE

Esse teu Deus deixou de me ligar, deve andar
ocupado e ter mais que fazer.

Ou estava tão comprometido com os ricos,
com a guerra colonial, com os crimes
do antigo regime,
que fugiu para um lugar mais tranquilo.
Melhor assim.

Se ainda existe, deve estar saturado de castigar
os pobres como nós.

Quem sabe onde esse Deus anda metido?

Eu não sei, e prefiro assim.

Dantes é que eu sabia muito, agora
cada dia sei menos e nem sequer entendo
o que se passa comigo.

MOISÉS

Dantes eras mais feliz.

PIEIDADE

Sim? Nem me lembro!

Só me lembro de ser infeliz.

MOISÉS

Pelos menos parecias mais feliz.

PIEIDADE

Se parecia foi enquanto andei enganada,